

“O PAPEL DO HOMEM É TENTAR, O DA MULHER É RESISTIR” — A CONSTRUÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO ENTRE ADOLESCENTES DO NORDESTE BRASILEIRO¹

Francisco Ricardo Miranda Pinto²

552 | Francion Maciel Rocha³

Ana Maria Fontenelle Catrib⁴

Aline Veras Morais Brilhante⁵

Resumo

Analisa a percepção de dez adolescentes cearenses sobre a sexualidade e as questões de gênero, bem como os processos sociais que cercam seus discursos a fim de compreender as situações de vulnerabilidades a que estes estão expostos no que tange à sua sexualidade. Tomando-se os dados de uma pesquisa qualitativa, procedeu à análise do discurso, destacando-se as marcantes influências das relações de gênero, agravadas pela perpetuação de estereótipos regionais.

Palavras-chave

Discurso; Sexualidade; Adolescência; Vulnerabilidade; Relações de Gênero.

Introdução

As simbologias características de cada região brasileira não são realidades existentes *a priori*. São, antes, recortes político-administrativos de domínios político-sociais. A subjetividade de cada região “é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (Guattari, Rolnik, 1999, p.31-32). Nessa lógica, se constituiu para o nordestino uma identidade, uma estereotipia, que ultrapassa a territorialidade.

A sexualidade é uma elaboração social que, ao longo da história, sempre foi objeto de preocupação moral e submetida a valores e ideologias predominantes na sociedade (Foucault, 1998; Lindau & Gavrilona, 2010). Problemas de saúde pública se relacionam diretamente com o estudo da sexualidade, como a expansão das infecções sexualmente transmissíveis (IST) e do número de gravidezes inoportunas na adolescência e não menos graves as violências relacionadas às questões gênero (Borges, 2007; Feng, et al., 2012).

A imagética do Nordeste foi moldada para atender interesses políticos e econômicos das oligarquias regionais. Desse modo criou-se uma falsa imagem de um único Nordeste, duro e seco que precisava de um novo homem capaz de resgatar essa virilidade, um homem

¹ Trabalho apresentado no GT “Novas (e velhas) tecnologias do gênero: biopoder, micropolíticas e dispositivos” do V Congresso Internacional em Estudos Culturais: Gênero, Direitos Humanos e Ativismos.

² Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú e da Prefeitura Municipal de Varjota-Ce. Mestrando em Saúde Coletiva, Universidade de Fortaleza. E-mail: ricardo-miranda1629@hotmail.com.

³ Professor da Prefeitura Municipal de Reriutaba-Ce, Graduando em Letras, Universidade Estadual Vale do Acaraú. email: francion_maciel@hotmail.com.

⁴ Professora do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Fortaleza, email: catrib@unifor.br.

⁵ Professora do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidades de Fortaleza, email: alineveras01@yahoo.com.br.

capaz de reagir a esta feminização que o mundo moderno, a cidade, a industrialização, a republica haviam trazido (Albuquerque Junior, 2000).

Nesse contexto apenas um ser forte e viril poderia sobreviver em uma natureza árida e agressiva, como a própria masculinidade nordestina. Essa leitura de base naturalista-determinista contribui para a formação de um sistema de referência culturalmente constituído, que converge para a criação de uma imagem homogênea. Todos os tipos regionais - o sertanejo, o praieiro, o brejeiro - possuem elementos que se agrupam a essa nova figura.

A imagem do nordestino transfigura-se na expressão regional “cabra macho” - homem valente, rústico, áspero... e violento, conforme aponta Albuquerque “A violência é neste discurso um componente da sociabilidade no Nordeste, uma característica da própria forma de ser do nordestino [...]. Nesta sociedade não há lugar para homens fracos e covardes (Albuquerque Junior, 1998, p. 03). Além de forte, o “macho nordestino” é viril. O desejo masculino é físico e violento, enquanto o feminino deve ser negado, silenciado ou transferido para um plano espiritual ou maternal, “sob pena de por abaixo a ordem social dominada pelos homens, é visto como caos.” (Albuquerque Junior, 1998, p. 03) .

Desde os anos de 1980 e 1990, contudo, a economia familiar deixou de ser suprida apenas pelo homem. A mulher passou a ser provedora e, alterando as relações de poder/saber, conquista o direito de questionar os padrões normatizantes da família e da sociedade (De Faria, 2002).

Com efeito, o conjunto de enunciados que une masculinidade e violência ao ser nordestino não se restringe ao passado, compondo, ainda no presente, a imagem representativa do nordestino. O que muda é apenas a roupa. A dominação masculina assume sutilmente outro discurso, uma nova simbologia, que nasce no interior do consentimento feminino (Samara, Sohiet, & Matos, 1997).

No contexto social, as relações de gênero mostraram-se como focos relevantes nos discursos, contribuindo para o estabelecimento de relações hierárquicas de poder entre homens e mulheres e a perpetuação de vulnerabilidades para ambos os gêneros, consoante com a literatura (Taquette, 2010; Santos & Silva, 2008; Villela & Arilha, 2003; Torres, Beserra, & Barroso, 2007).

As relações de gênero permeiam todo o tecido social ((Hindi & Multifering, 2011; Lee-Rife, 2010), sendo primordiais para entender as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres na sociedade e as vulnerabilidades a que os gêneros estão expostos. O conceito de gênero consolidado nessa expressão pode ser entendido como o processo pelo qual a sociedade classifica e atribui valores e normas, estabelecendo, assim, as diferenças e hierarquias sexuais, delimitando o que seriam papéis masculinos e femininos. Representa a aceitação de que a masculinidade e a feminilidade transcendem a questão da anatomia, remetendo à permanente interdependência do biológico em relação ao psicossocial em cada cultura específica (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2005).

Mesmo as políticas públicas costumam considerar o sexo como categoria fixa, biologicamente determinada, quando vários estudos científicos refutam o determinismo dessa dicotomia (Hyde, 2005; Springer, Hankivsky & Bates, 2012a; 2012b). Em suma sexo e gênero são, em essência, diferentes. Sexo consiste no conjunto das características biológicas e naturais, essencialmente imutáveis. Já gênero é influenciado pelo contexto sociocultural esta-

belecido às pessoas no passar dos tempos e que são possivelmente mutáveis no decorrer da história (Torres *et al.*, 2007).

Desse modo, torna-se de suma importância estudar as relações de gênero, além do seu *modus operandi* já estabelecido. É preciso compreender como se constroem e se firmam nas personalidades ainda em fase de estruturação, ou seja, na adolescência. A relevância deste estudo é maior em uma região onde “ser macho” é um imperativo e onde esses adolescentes vivenciam a concepção binária homem *versus* mulher, que vai servir de base para a constituição da subjetividade masculina e feminina, em suas diversas formas. Assim, pretende-se analisar a percepção dos adolescentes cearenses sobre sexualidade e questões de gênero, bem como explorar os processos sociais que permeiam seus discursos, no entendimento das situações de vulnerabilidade a que os adolescentes estão expostos no que tange à sua sexualidade.

Metodologia

O estudo foi realizado com dez adolescentes entre 14 e 18 anos de idade, de escolas públicas da Secretaria Regional VI (SER VI) de Fortaleza, Ceará, Brasil, obedecendo aos limites cronológicos definidos pela Organização Mundial da Saúde – OMS, World Health Organization [WHO] (1986). A SER VI é a maior em população e em ofertas de serviços públicos de saúde entre as seis regionais da cidade, conforme o *site* da Prefeitura de Fortaleza. Foram excluídos do estudo adolescentes com idade inferior a 18 anos, cujos pais não concederam a autorização. Os participantes foram selecionados durante visitas preliminares às escolas e estes ou seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para colaborar com a investigação.

Os dados foram coletados no período de maio a junho de 2012, usando entrevistas semiestruturadas, cujas questões norteadoras tratavam de sexualidade, mudanças no corpo durante a adolescência e relações sociais dentro do grupo. Realizaram-se entrevistas preliminares para se obter a introdução do roteiro e evitar hesitações ou equívocos no momento das entrevistas definitivas. O número de entrevistas gravadas foi guiado por saturação das respostas e compreensão do fenômeno em estudo. Após a transcrição de cada entrevista, fez-se uma conferência de fidedignidade, usando-se a escuta das gravações e conferindo mudanças de entonação, interjeições e interrupções. Entrevistas, transcrições das falas e organização dos registros, foram realizadas pelos pesquisadores que executaram a análise.

Dos respondentes, 04 (quatro) eram homens e 06 (seis) mulheres; 06 (seis) católicos, dos quais 04 (quatro) declararam participar das atividades da igreja, e 04 (quatro) evangélicos, todos praticantes; 03 (três) estavam namorando no momento, 02 (dois) homens e 01 (uma) mulher e 06 (seis) já haviam tido algum intercurso sexual, 03 (três) homens e 03 (três) mulheres. Quanto ao estrato social, todos os alunos pertenciam à classe C. O enquadramento para essa estratificação foi feito com apoio no grau de instrução do chefe de família e da posse de itens de conforto familiar. Esse critério, adotado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa [ABEP] estima o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de faixa salarial. É também um critério mais facilmente respondido pelos adolescentes do que os referentes à faixa salarial

de seus responsáveis. O projeto desta pesquisa foi apreciado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Fortaleza, tendo recebido parecer favorável, sob o número 435/2011.

Resultados e Discussões

As reflexões aqui realizadas se fundamentam na aproximação entre o pensamento de Michel Foucault e o campo denominado Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas (Veiga-Neto, 2000) que entende as práticas culturais como produtoras de significados.

A primeira temática identificada no discurso dos adolescentes é expressa pelo já reconhecido jargão cearense “**Eu sou é macho**”. O reconhecimento dessa vivência da sexualidade é expressa nas falas “[...] *acho que pela minha mãe eu virava padre. [...] Meu pai só diz que é pra botar quente. A sorte é que eu puxei ao meu pai. O cabra era danado quando era novo*” (A4); “*Assim, minha primeira vez foi (pausa) complexa. [...] Mas eu fiz direitinho. Eu sou é macho*” (A7); “*Ah, Não sei se vou casar virgem. Acho que não. [...] eu acho que dá pra esperar a menina certa, não sou bicho pra não me segurar*” (A6).

“O cabra (pai) era danado” (A4) e o filho quer ser igual ao pai. Essa expressão traduz a exigência social do papel masculino em relação à sua sexualidade - o papel de dominador, de “macho”, que não é socialmente apenas esperado, mas imposto por seu meio. O pai não esclarece as dúvidas do adolescente, apenas o orienta a “botar é quente” (A4). De modo semelhante, o outro rapaz tem que ter um bom desempenho sexual diante de sua parceira, ser virgem é motivo de vergonha. Foi-lhe culturalmente exigido que sua potência fosse demonstrada e conhecida para que lhe coubesse a alcunha de macho, para o menino há uma cobrança social para o início precoce de sua vida sexual ativa (Almeida & Hardy, 2007), expondo, ou vulnerabilizando aos meninos e homens naquilo que se relaciona com sua saúde, as exposições à violência ou ainda com o estabelecimento de relações saudáveis (Braz, 2005).

A hegemonia masculina é sustentada por um vasto segmento de homens que usufrui seus benefícios, mas também por boa parte das mulheres que a concedem. Assim, esse processo contém a luta contínua que envolve marginalização, contestação, mobilização, resistência e, por fim, subordinação (Matos 2001; Chartier, 1995).

Se por um lado, porém, na experiência sexual masculina, o desempenho sexual é visto como um ganho, sustentando o poder da masculinidade, de outra parte, a atitude pode ser decididamente romântica, caso em que o homem busca se entregar no momento certo e à parceira certa (Borges, 2007). Esse adolescente demonstra um grande controle por parte de sua mãe sobre sua vida sexual, determinando sua possível parceira, amparada pela igreja frequentada pela mesma, percebendo as relações hierarquizadas de gênero perpetuadas pelas próprias mulheres.

Um segundo tema identificado na fala das jovens entrevistadas é **Entre o Recato e a Malícia**, identificado nos discursos sendo omissos nas falas o termo sexo, pronunciado apenas quando necessário. Essa percepção é reforçada no discurso “*Eu acho que assim, eu acho que tem que ensinar a pessoa a, vamos dizer assim, [...], entender praticamente e saber praticar e não levar só para os lados maliciosos. [...] ... a pessoa tem que saber o verdadeiro significado disso, que não é só malícia*” (A9); “*Eu sou virgem e não preciso ficar aí dizendo que eu não sou só pra agradar os outros*” (A8); “*Ninguém pode obrigar ninguém a nada [...]. Eu acho que*

deveria ter educação sexual pra gente discutir o assunto e todo mundo poder se expressar (A8).

Os estudos de Foucault mostram que a sexualidade é produto de forças sociais e históricas. A sociedade e a cultura é que designam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou doentias. Sobretudo com a expansão do cristianismo nos séculos IV e V, o sexo passou a ser algo que era preciso examinar, vigiar, e confessar (Foucault, 1988, p.62). Assim, quaisquer carícias que não levam ao ato sexual na sua forma “legítima” - para fins reprodutivos - figuram como pecados.

Os séculos XIX e XX trouxeram uma mudança no discurso, tornando-o deveras disciplinador. Da infância à velhice, foi definida uma norma de comportamento sexual, que lhe exige recato, relegando aos comportamentos “maliciosos” um caráter pejorativo e socialmente inaceitável. A fala de uma das entrevistadas aponta a necessidade de um espaço para discussão apontando o professor como mediador, através da Educação Sexual. Geralmente, há uma forte relação dos adolescentes em quererem se afirmar dentro do grupo de amigos, por conta da insegurança típica da idade e da necessidade de aceitação (Torres *et al.*, 2007).

Um terceiro eixo temático identificado foi **O papel do homem e da mulher nas relações de gênero** onde ficou definida a diferença entre eles nas falas a seguir: *“Eu amo minha namorada. [...] Meu pai mesmo diz que o papel do homem é tentar e o da mulher é resistir. [...] tem um bocado de doidinha pra ‘suprir minha necessidades’ (A4); “[...] eu até queria uma namorada. Mas enquanto eu não arrumo uma, eu vou ficando. Tem um bocado de menina assim gostosinha, sabe? (A5); “As meninas de hoje não tem nada na cabeça. [...] Assim, mulher de respeito mesmo, tá difícil de achar (A6); Ah tá! Usa um shorts daqueles e quer pagar de virgem pra cima de mim. Eu sou é macho! Se bobear eu boto pra dentro (A7).*

Os adolescentes “ficam”, estabelecem relacionamentos fugazes baseados na forma física da parceira descartável, que basta ser “gostosinha”. O culto ao corpo e à beleza surge como novos valores definidores das relações de gênero. Mesmo em um mundo globalizado o homem nordestino não abandonou a consciência do “ser” nordestino, do “cabra macho” e viril expresso em “bota pra dentro”.

A jovem “mulher de respeito” deve “resistir” às investidas do namorado, todavia, deve aceitar a infidelidade do parceiro. Assim, além da responsabilidade doméstica e da educação dos filhos, é atribuída a obrigação de cuidar da beleza para que possa assim continuar a agradar o homem, a servi-lo doméstica e sexualmente. Enquanto isso, o homem permanece no espaço público – o do lazer, da farra - espaço historicamente destinado ao masculino.

O quarto bloco temático a surgir é a **Identidade de Gênero para os Adolescentes** como um dos temas descortinados na análise a partir da coleta de dados. Os discursos apontam que: *“Sexualidade, acho tem a ver com homossexual, ou heterossexual, acho. (A4); “[...] sou homem, sou macho” (A7); “Sexualidade é o termo que diferencia uma pessoa da outra, se é um se macho ou um ser feminino” (A10).*

Embora os adolescentes neguem preconceito, não se percebe nos discursos aceitação, mas sim certa tolerância com referência pejorativa a identidades sexuais diferentes das consideradas normais pelo adolescente reconhecendo a homoafetividade como um problema a ser solucionado, como ‘problema dele’. Quando enfatiza que é homem, reproduz os padrões de comportamento que a sociedade incorporou como normalidade.

É interessante observar que as referências à homoafetividade surgiram espontaneamente nos discursos dos meninos, não aparecendo nos discursos das meninas. É possível, porém, ocorrer manifestações sexuais entre pessoas do mesmo sexo que estão se descobrindo, experimentando o que é ser homem e/ou ser mulher. Trata-se de fase de experimentação que contribui na constituição da identidade sexual futura (Taquette, 2010). O menino, entretanto, sofre desde cedo com exigências de afirmação de sua masculinidade (Torres *et al.*, 2007). Embora a percepção positiva da homossexualidade tenha aumentado gradualmente, as percepções negativas ainda são abundantes. O discurso dominante a liga a pecado, crime, perversão, doença, anormalidade. Na área da saúde, a temática que se destaca é a questão da AIDS e da vulnerabilidade ao HIV relacionada à homossexualidade masculina (Feng *et al.*, 2012).

Considerações Finais

A partir dos relatos apresentados é possível perceber a existência de diferenças sociais e principalmente de relações de gênero. Todas essas particularidades colocam os representantes deste grupo em estado de vulnerabilidade, compreendendo ser a adolescência um momento de descobertas, de dúvidas e de formação da identidade, pautado em todas as realidades biopsicossociais.

Os adolescentes trouxeram elementos discursivos que refletem os tabus que os cercam e a marcada exigência de um comportamento estereotipado segundo os padrões regionais, embora estes padrões tenham sido atualizados ante o contexto da sociedade de consumo do mundo globalizado. Surgem nas falas a responsabilidade da mulher pela reprodução, a necessidade de autoafirmação masculina, o preconceito velado em relação à homossexualidade e a submissão feminina ante os desejos masculinos, segundo padrões conservadores e liberais. Esses padrões espelham um modelo hierárquico de relação de gênero que expõe homens e mulheres a situações de vulnerabilidades eternizadas por fatores socioculturais e que iniciam sua afirmação no período da adolescência.

O fenômeno da sexualidade merece destaque e requer visão que transcenda o olhar especificamente biológico e epidemiológico. A visão de mulher submissa, disponível aos desejos do homem contribui sobremaneira para a hierarquização do predomínio da masculinidade, gerando situações de desigualdade social e de gênero, em níveis diversificados como, por exemplo, no valor de salários e não só nesta perspectiva, mas também em expor a mulher a situações de infecções sexualmente transmissíveis.

Se, no entanto, a mulher é colocada em situação de vulnerabilidade devido à hierarquização das relações de gênero, o homem também se torna vulnerável na medida em que assume o papel de “macho dominante”, não podendo demonstrar socialmente suas fragilidades, o que os leva a procurar tardiamente os serviços de saúde e induz as políticas de saúde a negligenciarem a saúde do homem.

Para superar as vulnerabilidades a que homens e mulheres estão expostos, torna-se cada vez mais necessário superar a visão de uma “onipotência” masculina. Como, porém, transcender essa percepção, culturalmente instituída, ainda mais em uma região onde ser “macho” é uma exigência social? É fato que os estereótipos masculinos associados à força,

poder, agressividade e capacidade de domínio, surgem nos discursos dos adolescentes, como uma extensão dos discursos que os antecederam.

Esses adolescentes reproduzem a realidade que conhecem, pois é aquela que se descortina diariamente diante de seus olhos, em sua realidade familiar e social. Trabalhar as questões de gênero e suas relações com esses mesmos adolescentes, mediante a exposição de novas perspectivas pode ser crucial para uma mudança de atitudes e convicções, retirando essa nova geração do círculo vicioso instituído em redor de estereótipos predefinidos dos papéis de macho e fêmea.

558 |

Referências Bibliográficas

- ABEP. (30 de nov de 2015). *Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas*. Acesso em mai de 2011, disponível em ABEP: <http://www.abep.org/>
- Albuquerque Junior, D. M. (1998). *As malvadezas da identidade*. Campina Grande: UFPB.
- Albuquerque Junior, D. M. (1998). *Mole não se mete: a violência como elemento constitutivo da identidade do nordestino*. Campina Grande : UFPB.
- Albuquerque Junior, D. M. (2000). *O nordestino e a criação do falo*. Campina Grande: UFPB.
- Almeida, A. F., & Hardy, E. (2007). Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 565-572.
- Borges, A. L. (dez de 2007). Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. *Rev. Esc. Enferm.*, 41(4), 597-604.
- Brasil. (09 de set de 2013). *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. Acesso em 09 de set de 2013, disponível em Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php>
- Braz, M. (2005). A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva. *Ciênc. saúde coletiva*, 10(1), 97-104.
- Chartier, R. (1995). Diferenças entre sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu*(4), 40-42.
- De Faria, C. N. (2002). Puxando a sanfona e rasgando o nordeste: relações de gênero na música popular nordestina (1950 a 1990). *Menme revista de humanidades*, 3(5), 1-35.
- Feng, Y., Lou, C., Gao, E., Tu, X., Cheng, Y., Emerson, M. R., et al. (2012). Adolescents and young adults - perception of homosexuality and related factors in three asian cities. *Journal of Adolescent Health*, 50, S52-S60.
- Foucault, M. (1998). *The history of sexuality: the will o knowledge*. London: Penguin Books.
- Foucault, M. (1998). Verdades e Poder. In: M. Foucault, & R. Machado (Ed.), *Microfísica do Poder* (R. Machado, Trad., 13ª ed.). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: Graal.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1999). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil: Vozes.
- Hindi, M. J., & Multifering, C. J. (2011). Women's autonomy and timing of most recent sexual intercourse in Sub-Saharan Africa: a multicountry analysis. *Journal of Sex Research*, 48(6), 511-519.
- Hyde, J. S. (2005). The gender similarities hypothesis. *American psychologist*, 60(6), 581.
- Lee-Rife, S. (2010). Women's empowerment and reproductive experiences over the life course. *Social Science & Medicine*, 71(3), 634-642.
- Lindau, S. T., & Gavriona, N. (2010). Sex, health, and years of sexually active life gained due to good health: evidence from two US populations based cross sectional surveys of ageing. *British Medical Journal*, 340, c810.
- Matos, M. I. (2001). Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. *História, Questões & Debates*(34), 45-63.

- Samara, E. M., Sohiet, R., & Matos, M. I. (1997). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ.
- Santos, D. B., & Silva, R. C. (2008). Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. *Saude soc.*, 17(2), 22-34.
- Springer, K. W., & Hankivsky, O. B. (2012). Beyond a catalogue of differences: as theoretical frame and good practice guidelines for researching sex/gender in human health. *Social Science & Medicine*, 74(11), 1817-1829.
- Springer, K. W., Hankevsky, O., & Bates, L. M. (jun de 2012). Gender and health: relational intersectional and biosocial approaches. *Social Science & Medicine*, 74(11), 1661-1842.
- Taquette, S. R. (2010). Interseccionalidade de gênero, classe e raça e vulnerabilidades de adolescentes negras às DST/AIDS. *Saúde e soc.*, 19(supl. 02), 51-62.
- Torres, C. A., Beserra, E. P., & Barroso, M. G. (2007). Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.*, 11(2), 296-302.
- Traverso-Yépez, M. A., & Pinheiro, V. S. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Estudos feministas*, 13(1), 147-162.
- Veiga-Neto, A. (2000). Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: M. Vorraber, *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* (pp. 37-72). Porto Alegre: Universidade/UFRGS.
- Villela, W. V., & Arilha, M. (2003). Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In: E. Berquó, *Sexo e vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil* (pp. 97-150). Campinas, São paulo, Brasil: Unicamp.
- Who. (1986). *Ottawa charter for health promotion*. Canada: World Health Organization.